

Dissonâncias teóricas em *Curso de linguística geral*, de Ferdinand Saussure

Theoretical dissonances in Course in General Linguistics, by Ferdinand Saussure

FÁBIO LUIZ DE CASTRO DIAS

Graduado em Letras (UFLA)¹

E-mail: castrodias.f.l@gmail.com

Resumo: O nosso artigo objetiva retomar um conjunto de problemas em torno da teoria saussureana, sobretudo no que se refere à sua divulgação no livro *Curso de linguística geral* (CLG). A nossa investigação busca discutir, em primeiro lugar, um certo número de questões referentes à formação e à gênese da vulgata de 1916, de autoria atribuída a Saussure, sempre sob a égide das análises e das considerações de Bouquet (2000), bem como de outros pesquisadores da teoria do genebrino. E, após, almeja dedicar-se a uma sucinta, mas substancial análise do fenômeno da *dissonância* da teoria saussureana, o que se realiza principalmente por meio da nossa comparação entre alguns excertos de CLG e outros de autoria originalmente saussureana, trazidos de maneira direta ou indireta. Com isso, desejamos evidenciar tanto a importância, quanto as diferenças constitutivas do pensamento teórico de Saussure em relação contrastiva a determinados pontos da conjuntura teórica de CLG, assim como, com a nossa discussão, queremos atravessar uma série de questões pertinentes à linguística geral e, em particular, à historiografia linguística.

Palavras-chave: Saussure. Curso de linguística geral. Teoria linguística. Dissonância.

Abstract: This article discusses some aspects of Saussurean theory, especially in *Course in General Linguistics* (CGL). This study firstly discusses certain issues related to CGL's formation, based on Bouquet (2000) and other researchers. Also, it analyzes the phenomenon of dissonance in Saussure's theory, through the comparison between CGL and other works that are from Saussure himself. So, it aims to highlight the importance and the constitutive differences of Saussure's theoretical thinking in comparison to certain points of CGL's theory, and issues related to general linguistics and linguistics historiography are also discussed.

Keywords: Saussure. Course in General Linguistics. Linguistic theory. Dissonance.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mesmo após mais de cem anos da sua publicação, o livro *Curso de linguística geral* (2012; 2021) – doravante, CLG – suscita-nos uma série de questões, desde as concernentes à possível originalidade dos seus fundamentos e dos seus pressupostos – posição contestada por diversos linguistas, como Koerner (1973) e Bagno (2021) –, às relacionadas às fontes e, logo, às origens de grande parte das suas propostas e das suas teses. Se se trata de um marco fundador do *Estruturalismo* – coisa questionada, por

¹ Membro pesquisador do Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC-UFLA).

exemplo, por Bouquet (2000) –, é uma outra problemática de caráter assaz intrincado, cujas soluções devem ser buscadas por uma posição que leve em consideração um conjunto de análises de natureza diversa – epistemológica, historiográfica, exegetica, etc.

Todavia, que se trata, por um lado, de uma obra de imensa influência nas ciências humanas, linguísticas e sociais do século XX, parece-nos ser algo incontestável, o que se confirma, segundo as observações ou os indícios de Dosse (2018), pela sua referência direta ou indireta tanto por linguistas eminentes, como Émile Benveniste [1902-1976] e Roman Jakobson [1896-1982], quanto por outros pensadores das ciências humanas e sociais, como o antropólogo Claude Lévi-Strauss [1908-2009].

A sua importância, por outro, tornou-se a responsável pelo interesse e, conseqüentemente, pela investigação das suas configurações epistemológicas e metodológicas, dado o conhecimento da natureza complicada de todo processo do seu engendramento. Uma série de trabalhos, assim, começou a emergir-se a partir da década de 1950 (BOUQUET, 2000), justamente quando se despontou uma série de manuscritos tanto de Saussure, quanto dos alunos que assistiram às aulas ministradas pelo genebrino no curso de linguística geral da Universidade de Genebra. A partir daí, muitas problemáticas em relação a *CLG* começaram a aparecer, tomando cada vez mais corpo no universo das discussões acadêmicas em torno da teoria de Saussure.

É com consciência de todas essas questões que nos dedicamos, aqui, à elaboração de considerações sobre uma parte do processo de formação de *CLG*, compreendendo, sobretudo, a sua natureza problemática, bem como o caráter fragmentado e heterogêneo das suas fontes. Ao mesmo tempo, queremos dedicar-nos à demonstração do fenômeno da *dissonância*² ao qual se submeteu a teoria saussureana ao transpor-se para a conjuntura teórica de *CLG*, observando-o como uma consequência do conjunto problemático de vetores formativos do livro de 1916. Para fazê-lo, apresentaremos alguns exemplos, estabelecendo comparações entre o que se encontra em *CLG* e o que está em parte dos textos saussureanos, trazidos diretamente em *Escritos de linguística geral* (2004) – ao qual nos referiremos como *ELG* – e indiretamente pelas análises de Bouquet (2000), à luz das considerações norteadoras do seu entendimento sobre a teoria geral e o projeto teórico de Saussure.

2 SAUSSURE E O LIVRO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Quando nos propomos uma compreensão epistemológica, historiográfica e interpretativa das ideias de Ferdinand de Saussure – à luz das várias descobertas relevantes, desde meados da década de 1950, sobre o seu fundamento e a sua gênese –, um conjunto amplo de problemáticas gerais a respeito do livro *CLG* nos é dado. Entre as inúmeras, destaca-se uma como parte das principais: a da formação e da redação do livro

² Não se trata de um conceito especificamente vinculado a uma determinada teoria. Porém, utilizamo-lo com o objetivo de delimitação do fenômeno do *desvio do sentido* tanto da teoria geral, quanto do projeto teórico de Saussure. Todos os problemas por nós mencionados – como distorções, substituições, etc., aos quais nos dedicaremos preliminarmente nas seções seguintes deste artigo, através, inclusive, de exemplos – nos são indícios do fenômeno da dissonância, cujas causas nos parecem ser várias, como tentaremos explicitar de modo introdutório a seguir.

atribuído a Saussure. O linguista genebrino, como nos orienta Bouquet (2000) e Bagno (2021), foi dado como o autor de um livro cuja escrituração não foi exercida, *estritamente*, pelas suas próprias mãos³.

Caso idiossincrático, o livro *CLG* se apresenta sob a assinatura do genebrino, mas se trata de uma obra editada e redigida pelos companheiros acadêmicos de Saussure: os linguistas Charles Bally [1865-1947] – sucessor, aliás, do genebrino na Universidade de Genebra, após a sua morte em 1913 (MEILLET, 2020b) – e Albert Secheyne [1870-1946], com uma participação colaborativa de Albert Riedlinger [1882-1978]. Todo o processo de engendramento da vulgata se deu principalmente a partir das anotações dos cadernos dos alunos de Saussure, referentes aos conteúdos das aulas ministradas pelo genebrino no curso de linguística geral na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911⁴ (BOUQUET, 2000; DEPECKER, 2012). Curioso detalhe no acontecimento amplo de formação de *CLG*: às aulas dadas por Saussure, apenas Riedlinger compareceu como aluno, exceto às do último curso, de 1910 a 1911, a partir do qual se concebeu, no entanto, a maior parte da redação final de *CLG* (BAGNO, 2021).

Até o momento anterior à sua ascensão à cadeira da disciplina de linguística geral, Saussure, após a sua volta de Paris a Genebra, dedicava-se à ministração, nas palavras de Bouquet (2000, p. 62), “[...] de cursos clássicos de linguística indo-europeia – história, fonologia, gramática, lexicologia – mas ensinava também dialetologia, linguística geográfica, além de história da versificação francesa e de literatura alemã”, o que nos mostra uma grande parte das escolhas e dos interesses de Saussure no universo acadêmico em geral. Em muitos aspectos, o linguista se encontrava, como o exímio comparatista e o excelente sanscrita que era (BOUQUET, 2000), em sua zona de conforto. Dedicava-se às disciplinas pelas quais mais se interessava, segundo os seus próprios relatos (MEILLET, 2020a)⁵.

³ Apenas dois livros escritos por Saussure se publicaram: *Memorial sobre o sistema primitivo das vogais indo-europeias* e *Sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito*. Mas nos alerta Bouquet (2000, p. 62-63, grifo do original): “em toda a sua carreira, ele não produziu, parece, uma única obra, nem mesmo um artigo científico, motivado apenas pela perspectiva de uma publicação: *Mémoire* e a monografia sobre o *emprego do genitivo absoluto em sânscrito* são trabalhos universitários obrigatórios; quase todos os artigos curtos publicados entre 1877 e 1912 são contribuições às *Mémoires de la Société de linguistique*, obrigatórias também pelo fato de ele pertencer à dita Sociedade (e essas contribuições foram interrompidas com a volta a Genebra); o resto é composto de raras participações em obras miscelênicas – sempre por deferência ou amizade”.

⁴ Segundo o detalhamento de Calvet (1977), Saussure dedicou-se à ministração dos seus cursos nas seguintes datas: de janeiro de 1907 a julho de 1907, de novembro de 1908 a junho de 1909 e de outubro de 1910 a julho de 1911.

⁵ Aliás, havia um descontentamento por parte de Saussure em relação à elaboração de um material escrito sobre linguística geral. Esse sentimento se manifesta, segundo a sua própria voz, na sua carta a Meillet (MEILLET, 2020a). Toda a preocupação de Saussure com as questões gerais se inscreve, todavia, no movimento da sua *consciência epistemológica* (BOUQUET, 2000) em relação aos fundamentos e aos problemas da ciência da linguagem. Foi a partir daí que começou a se formar o seu projeto de revisão conceitual, terminológica e metodológica da linguística da sua época. Contudo, a empreitada saussureana, de acordo com as orientações de Bouquet (2000), não se estabelece como um fim em si mesmo. Ao contrário, o objetivo precípua da sua reflexão sobre

Ter-se tornado o responsável pela disciplina de linguística geral, portanto, tratou-se de um acontecimento contingente, cuja emergência se inscreve, porém, no curso histórico do desenvolvimento da sua trajetória acadêmica e intelectual. O que nos interessa, no entanto, é o fato de as reflexões saussureanas sobre os problemas gerais da linguagem – isto é, uma discussão referente à linguística geral –, sob a ordem do seu *projeto teórico* (BOUQUET, 2000), tornaram-se parte constitutiva de uma atividade empreendida pelo genebrino de modo deliberado, e aliava-se ao movimento reflexivo da sua consciência epistemológica (BOUQUET, 2000) em relação às problemáticas gerais da linguística da sua época.

A partir de um conjunto de trabalhos de análise epistemológica, historiográfica e exegética em relação a CLG – depois, sobretudo, do aparecimento de inúmeros manuscritos de Saussure no decorrer da década de 1950 (BOUQUET, 2000) –, deu-se o início a uma revisão sistemática de vários pontos da teoria divulgada pelo livro de 1916. Assim, uma série de distorções, substituições, cortes, apagamentos e alterações em relação ao conteúdo do pensamento saussureano passaram a evidenciar-se cada vez mais (DEPECKER, 2012), o que pode se explicar, de maneira imediata, por uma série de condições de dissonância no processo de formação e de redação de CLG. Isso nos mostra, logo, como o livro de 1916 trata-se de uma vulgata – no sentido de texto de divulgação – que mais realizou uma espécie de divulgação fragmentada da teoria geral e do projeto teórico do genebrino, como nos orienta Bouquet (2000), do que uma apresentação clara e direta do que objetivava Saussure.

Bouquet (2000, p. 13), por exemplo, já nos diz sobre CLG, logo no início do seu prefácio: “[...] essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apoia”. Depecker (2012, p. 13, grifo do original), por sua vez, afirma-nos: “para chegar a esse conjunto construído foi, portanto, necessário

as questões gerais referentes à linguagem tratou-se de um meio e de uma necessidade, cuja razão de ser se encontrava na colocação, segundo a lógica do linguista genebrino, dos fundamentos gerais da linguística sobre os trilhos considerados científicos por ele – da gramática comparada em particular, segundo os *critérios galileanos* de cientificidade (BOUQUET, 2000), e, ao mesmo tempo, da linguística geral. Isso se tratava de uma condição, logo, para o estabelecimento de um outro fim: uma correta análise comparativa das línguas. Isto é, a sua reflexão geral sobre a linguagem se deu como necessária na medida em que se estabeleceu como um meio para uma mais adequada apresentação dos fundamentos definidores e norteadores da epistemologia e da metodologia de uma ciência linguística – e do comparatismo, por conseguinte –, o que se encontra, desde o princípio, na base da consciência epistemológica do genebrino (BOUQUET, 2000). De acordo com a sua carta a Meillet, a terminologia *inerte* da linguística se constituía como um óbice à colocação da *língua* enquanto o verdadeiro objeto de análise e de consideração da linguística, um problema cujas consequências se podiam mensurar em diversos equívocos dos trabalhos da sua época. É a partir desse seu raciocínio fundamental que se regulava a sua atividade de reflexão sobre a linguística geral (MEILLET, 2020a). Mas, sobre o seu descontentamento, fiquemos com as palavras do linguista genebrino: “isso acabará, malgrado meu, num livro em que, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um só termo empregado na linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. E será somente depois disso, confesso, que poderei retomar meu trabalho no ponto em que o tinha deixado” (MEILLET, 2020a, p. 263).

aos redatores do *Curso* ampliar, harmonizar, comentar. As substituições entre as anotações dos estudantes e a reconstituição feita pelos redatores são, de fato, quase permanentes [...]. E, por fim, Calvet (1977, p. 19) refere-se a “[...] certas passagens que foram inventadas pelos editores...”.

No entanto, a maior parte dos equívocos e das contradições encontrados na conjuntura teórica de *CLG* ou se resolvem ou se elucidam, de acordo com o entendimento de Bouquet (2000), à luz de uma adequada análise interpretativa das ideias do genebrino, a partir, sobretudo, do que é apresentado nos seus manuscritos, assim como nos originais dos cadernos dos seus alunos⁶. Mas isso só se torna possível a partir de uma assunção do que Bouquet (2000) compreende ser o projeto teórico – ao qual nos referiremos a seguir – pelo qual se caracteriza a reflexão saussureana. É assim que nos começa a elucidar-se uma parte substancial das posições teóricas de Saussure, especialmente no que se refere à redação absoluta e definitiva da sua teoria geral sobre as questões da linguagem – isto é, sobre a sua linguística geral –, posicionamento, contudo, que se aliava ao seu descontentamento – patente nos relatos dos seus contemporâneos mais próximos, como a seu amigo Meillet, segundo vimos – com relação a uma empreitada teórica de magnitude tão grande e exaustiva⁷.

A partir de uma análise orientada, porém, dos manuscritos do genebrino e dos seus alunos, a reflexão e o trabalho de Saussure, que não se resumem a *CLG* – no qual se reflete, porém, de diversos modos –, mostram-se como muito importantes dentro do espectro de organização conceitual e metodológica da linguística, segundo um projeto teórico no qual se articulam diferentes *configurações discursivas* (BOUQUET, 2000). Tratava-se de uma atividade de revisão epistemológica e metodológica da ciência da linguagem, aliada a um *projeto programático*, que se constituiu graças à clara consciência epistemológica de Saussure sobre a sua atividade intelectual, bem como do que o genebrino entendia ser os inúmeros problemas da linguística da sua época. Como muito bem nos mostra Bouquet (2000, p. 96), “a incontestável originalidade do linguista genebrino reside em ter chegado com sucesso a uma síntese epistemológica de conceitos metodológicos esparsos”.

Em relação aos problemas linguísticos com os quais se envolveu Saussure, poderíamos citar uma série de exemplos, mas isso se colocaria para além dos objetivos

⁶ Em língua portuguesa, uma parte considerável e, portanto, acessível dos manuscritos do genebrino encontra-se no livro *Escritos de linguística geral* (2004), conforme mencionamos na introdução deste artigo.

⁷ Trata-se de uma posição do genebrino claramente externada também por Meillet. Segundo o linguista francês, os editores e redatores de *CLG* “[...] tomaram a decisão ousada de fundir num todo as três redações e construir, por assim dizer, com as fórmulas e os exemplos de F. de Saussure, o livro que o mestre não tinha feito, que provavelmente jamais teria feito” (MEILLET, 2020b, p. 257, grifo nosso). Interessantemente, Meillet não reconheceu, na vulgata atribuída a Saussure, a totalidade correta das ideias da teoria saussureana, com a qual esteve em contato nos anos nos quais fora aluno do genebrino em Paris. Isso nos indica como a reflexão de Saussure sobre as questões gerais da linguagem vinha se esboçando desde a sua atuação como professor na capital francesa, de 1876 a 1878 (JOSEPH, 2012). Para o linguista francês, *CLG* é uma “[...] adaptação do ensino oral fugaz e no qual não se sabe se os detalhes que seriam criticáveis vêm do autor ou dos editores” (MEILLET, 2020b, p. 260, grifo nosso).

imediatos do nosso texto. Todavia, um pode ser-nos ilustrativo da posição do genebrino. À época de sua atuação, havia uma perspectiva neogramatical que advogava a dupla natureza da *palavra* e da *língua*, e que se ligava estritamente à compreensão da regularidade do fenômeno fonológico das línguas a partir do postulado das *leis fonéticas*, cujos pressupostos se alicerçavam, em grande medida, nos estatutos epistemológicos das ciências naturais. Isso fazia com que a parte fonológica da língua, regida como seria por leis mecânicas, pudesse ser assimilada à história natural, associada, sobretudo, a uma física (BOUQUET, 2000). Dois dos nomes mais representativos dessa posição – e que, de modo particular, estavam muito relacionados a essa temática – são os dos linguistas alemães Karl Brugmann [1849-1919] e Hermann Osthoff [1847-1909], ambos integrantes do movimento denominado Neogramatical (BOUQUET, 2000) – *Junggrammatiker*, mais corretamente traduzível por Jovens Gramáticos, segundo Bagno (2021).

De acordo com o entendimento de Bouquet (2000), com o postulado das leis fonéticas, enquanto uma tentativa de explicação da regularidade fonológica das línguas, os neogramáticos reacenderam a chama de uma querela complexa, cuja origem se encontra estruturada na tradição comparatista do início do século XIX. É com essa tradição que se reconciliou a neogramática. Contudo, tratava-se de uma perspectiva marcada por uma intrínseca ambiguidade. Segundo Bouquet (2000, p. 86-87),

[...] o motivo dessa ambiguidade pode ser formulado da seguinte forma: se o fato da regularidade estipulado pelos neogramáticos é verídico (e ele o é por definição, no enunciado deles), sua análise deixa de lado o objeto epistemológico correspondente a esse fato. O objeto epistemológico escapa aos neogramáticos precisamente porque eles definem esse objeto como produto de uma ordem híbrida: ao mesmo tempo natural ('físico-mecânica') e ordem espiritual ('psicológica'). Sendo o domínio psicológico o das exceções às mudanças físico-mecânicas, e sendo a lei físico-mecânica enunciada de maneira a ser irrecusável, segue-se que a controvérsia sobre as mudanças fonológicas se apóia unicamente sobre as exceções 'psicológicas' às mudanças mecânicas.

Opondo-se à solução neogramatical para esse problema, a posição de Saussure, apoiando-se em Hermann Paul [1846-1921], um dos primeiros a afirmar categoricamente a natureza psicológica dos componentes das línguas (BAGNO, 2021), fundamenta-se sobre a *epistemologia galileana* para a afirmação da natureza psicológica não somente da face semântica das línguas, mas também do seu componente fonológico. E, nas palavras de Bouquet (2000, p. 93), forma-se aí “[...] uma distinção entre substância (fonética) e forma (fonológica): a distinção que fundamenta o caráter psicológico da realidade linguística”. Ou seja, o *fonema* não mais é entendido, por Saussure, como uma unidade físico-mecânica (como uma entidade apenas fisiológica e física). Ele é, agora, uma unidade de natureza psicológica e de caráter formal, que integra um determinado sistema no qual ganha a sua função e a sua validade. É aí que se situa uma parte da

origem da distinção clássica entre *fone* e fonema, que se tornou dominante na tradição estruturalista da linguística do século XIX.

Além do mais, ao colocar o componente fonológico na ordem do espírito, Saussure não só se opôs à solução neogramatical, como principalmente reconfigurou toda a problemática: primeiro, retirou a questão fonológica das configurações mecanicistas das ciências naturais da sua época, o que nos evidencia como Saussure apresentava-se como um epistemólogo bastante consciente da *natureza espiritual – humanística*, diríamos hoje – das ciências linguísticas; segundo, tornou possível a compreensão da síntese entre o componente fonológico e o aspecto semântico das línguas, ambos colocados no mesmo plano – na ordem psicológica –, como uma articulação entre *unidades psicológicas*, evitando o hibridismo da perspectiva dos neogramáticos; e, terceiro, abriu caminho para o entendimento do postulado da natureza puramente psicológica não só das línguas, mas de todo e qualquer sistema semiológico que opere com unidades formais recortadas de substâncias específicas – cores, gestos, etc. Isso nos demonstra como Saussure não só se filiou aos primeiros pressupostos gerais desenvolvidos por Paul sobre a natureza psicológica das unidades da língua, mas, principalmente, como realizou um desdobramento muito importante e particular dessa perspectiva.

Voltando à nossa discussão anterior sobre a teoria saussureana divulgada pela vulgata de 1916, quando nos referimos particularmente à sua redação, um outro problema se torna incontornável às nossas considerações: é-nos muito difícil uma delimitação absolutamente precisa dos textos específicos sobre os quais se baseou a escrituração desse livro, o que se trata de um ponto agravante entre as várias da série de questões emergentes de todo o processo do seu engendramento. Segundo Calvet (1977, p. 18, grifo do original),

[...] após a sua [de Saussure] morte, Charles Bally e Albert Sechehaye redigiram o que se tornou o *Curso de Linguística Geral*, a partir dos cadernos de anotações de L. Caille, L. Gautier, P. Regard e A. Riedlinger para os dois primeiros cursos, Mme Sechehaye, G. Dégalier e F. Joseph para o terceiro.

Como afirmáramos – e já é de conhecimento geral em nosso campo científico –, o livro *CLG* foi editado e redigido por Bally e Sechehaye, e somente, portanto, a partir de parte dos textos, tanto do genebrino – apenas algumas notas esparsas, não muito claras (DEPECKER, 2012; BAGNO, 2021) – quanto, principalmente, dos seus alunos, cujos conteúdos se referem aos cursos ministrados por Saussure, de janeiro de 1907 a julho de 1911 (BOUQUET, 2000; CALVET, 1977). Mas, como nos orienta Calvet (1977), a principal base para a redação final do livro de 1916 se estabeleceu a partir dos textos dos alunos, todos concernentes ao que foi discutido sobretudo no terceiro curso⁸, cujo plano

⁸ Por hipótese, desenvolvida por Calvet (1977), a escolha dos editores possa ter recaído aí, quiçá, por terem acreditado que o terceiro curso pudesse se tratar de uma síntese final da teoria saussureana, o que vem se revelando como um equívoco claro diante da natureza outra do seu conteúdo em relação aos dos dois primeiros cursos.

geral, no entanto, nem sequer foi seguido estritamente por Bally e Sechehaye (CALVET, 1977). Portanto, foi da natureza heterogênea das suas fontes manuscritas que se derivou o fenômeno da heterogeneidade dos fundamentos formativos de *CLG*, o que se mostra nos diversos problemas manifestos na sua conjuntura teórica – ambiguidades, inconsistências, flutuações, etc. (BOUQUET, 2000). Logo,

[...] os redatores tiveram de examinar as anotações manuscritas de Saussure que tinham à disposição e selecionar, fundir, retocar as anotações dos estudantes. Fazer, portanto, continuamente escolhas. E é claro que a interpretação dos redatores do *Curso de linguística geral* está constantemente em ação. As deformações se multiplicam. Portanto, a vontade dos redatores de fazer da obra um conjunto coeso os levou a lhe dar uma ordem particular (DEPECKER, 2012, p. 12, grifo do original).

Como consequência, Bally e Sechehaye deram uma ênfase, guiando-se pelo conteúdo geral do terceiro curso, a apenas uma parte do projeto teórico pelo qual se caracterizou a reflexão geral do pensamento linguístico de Saussure, impondo a *CLG*, conseqüentemente, uma *lógica* e uma *racionalidade* cujos sentidos adequados apenas podem se revelar a partir do todo teórico do projeto articulado pelo genebrino. Nas palavras de Bouquet (2000, p. 14, grifo do original), “[...] a razão que ordena o sistema acabado do *Cours* é a de um discurso homogêneo: o discurso de *uma pura epistemologia programática da ciência da linguagem*”, epistemologia, aliás, derivada das duas anteriores e necessárias configurações discursivas do projeto teórico do genebrino, e cuja significação teórica mais geral se forma a partir da articulação de uma série de conteúdos teóricos – epistemológicos, metafísicos e metodológicos, segundo Bouquet (2000) – das outras duas primeiras – conteúdos, a propósito, categoricamente determinantes do todo, que se apresentam como inter-relacionados na estrutura das condições de possibilidade dos demais da terceira configuração discursiva.

Apesar de ambos os editores e redatores de *CLG* terem-se dedicado a um trabalho de síntese considerável, se nos atentarmos, sobretudo, para as condições gerais de produção da sua empreitada, a dissonância das ideias e das teses de Saussure nos parece tratar-se de um fenômeno inegável. Com o escopo de criação de uma síntese acabada da teoria saussureana, a atividade de edição e de redação de Bally e Sechehaye fundamentou-se em um determinado critério axiológico⁹, cuja consequência foi uma maior atribuição de valor ao conteúdo do terceiro curso, como nos orientou Calvet (1977), em detrimento relativo das discussões empreendidas pelo genebrino nos seus dois primeiros. Esse procedimento levou Bally e Sechehaye, assim, a uma falta de consideração das proposições teóricas das outras duas outras configurações discursivas (BOUQUET, 2000), sobre as quais se embasa, de acordo com Bouquet (2000), uma parte substancial do edifício geral do projeto teórico de Saussure. Tudo se deve, portanto, “[...] à própria gênese do livro e à falta de uma personalidade intelectual única que pudesse conferir coerência teórica à edição das ideias expostas ali” (BAGNO, 2021, p. 356).

⁹ Aqui, o termo axiológico, de modo abrangente, refere-se à noção de valor.

De maneira geral, a posição de Bally e Sechehaye, logo, tratou-se de uma atitude metodológica estruturada sobre um critério axiológico. Segundo a nossa leitura das considerações de Bouquet (2000), a conseqüente desconsideração de ambos se incidiu sobre as discussões nas quais se dedicou Saussure à explanação de uma importante parte das suas reflexões, que nos parece ser preambular às considerações esboçadas no seu terceiro curso. De fora, ficaram, assim, os conteúdos pelos quais se delimitam as duas primeiras configurações discursivas do projeto saussureano: a configuração de *uma epistemologia da gramática comparada* e a de *uma reflexão filosófica, de caráter metafísico, sobre a linguagem* (BOUQUET, 2000). São duas configurações complementares, que se articulam necessariamente para a fundamentação da terceira, que se coloca, de certa forma, como uma decorrência – e não uma síntese – das duas anteriores. De acordo com a concepção de Bouquet (2000), toda a teoria saussureana se fundamenta no entrecruzamento das duas configurações discursivas, cuja desdobramento relativo seria a terceira: *a de uma epistemologia programática da ciência da linguagem* (BOUQUET, 2000)¹⁰. Conseqüentemente,

¹⁰ Não nos dedicaremos a uma explicação minuciosa da natureza das três configurações discursivas do projeto saussureano segundo Bouquet (2000), primeiro porque se trata da totalidade da discussão empreendida pelo analista e filósofo francês, cujo desenvolvimento ocupa todo o plano da sua obra; e, segundo, porque se trataria de uma atividade que nos demandaria um grande volume de escrita, e que se colocaria para além dos nossos objetivos imediatos. Quando Bouquet (2000) se refere a epistemológico e a metafísico, quer dizer-nos que a proposição referida pelo primeiro termo se liga *ao saber positivo*, isto é, àquele passível de verificação empírica, e, pelo segundo, *a um saber não positivo*, ou seja, não verificável empiricamente, mas que se coloca como uma condição *a priori* para a determinação e para a regulação do primeiro. Trata-se de uma questão, além de muito complexa, bastante extensa, à qual não conseguimos nos dedicar agora. Contudo, podemos considerar cada configuração discursiva em sua natureza genérica. A da epistemologia da gramática comparada refere-se às reflexões saussureanas nas quais se apresentam os conceitos centrais do comparatismo sob uma análise rigorosa, com a finalidade de estabelecimento das condições de possibilidade da ciência comparatista. Na da metafísica da linguagem, encontram-se delimitadas todas as discussões filosóficas de Saussure a respeito da linguagem em geral. É quando o seu pensamento se vincula à tradição racionalista, bem como a uma série de concepções filosóficas sobre a linguagem (BOUQUET, 2000). E, por fim, a epistemologia programática da linguística trata-se da configuração discursiva na qual se enquadraria a já mencionada “[...] síntese epistemológica de conceitos metodológicos esparsos” (BOUQUET, 2000, p. 96) do genebrino, cujo fim seria a fundamentação de uma linguística geral e uma conseqüente fundamentação de uma metodologia mais adequada à atividade comparatista. Além do mais, uma prova do interesse do genebrino pela questão epistemológica encontra-se no seguinte excerto citado por Bouquet (2000), no qual se equivale *filosófico* a epistemológico: “esse será para sempre um assunto de reflexão filosófica, que durante um período de cinquenta anos a ciência linguística nascida na Alemanha, desenvolvida na Alemanha [...], não tenha tido jamais nem mesmo a veleidade de se elevar ao grau de abstração que é necessário para dominar de um lado *o que se faz*, de outro lado, em que *o que se faz* tem uma legitimidade e uma razão de ser no conjunto das ciências [...]” (SAUSSURE, 1894, como citado por BOUQUET, 2000, p. 88, grifo do original). A menção do genebrino *ao que se faz* lembra-nos o movimento abstrato, pela reflexão, de colocação da atividade científica da linguística sob análise e suspensão, enquanto a referência à sua *legitimidade e razão no conjunto das ciências* leva-nos para o cerne da necessidade de investigação epistemológica *do que se faz* em face

[...] dessas três configurações discursivas distintas, a homogeneização imposta pelos redatores do *Cours* se dá decisivamente através de supressões: supressão da pregnância (metafísica) da “base semiológica”, que no entanto é longamente discutida na introdução do segundo curso, supressão sistemática da temática “filosófica” das aulas e dos escritos, como também supressão ou ocultação de enunciados que colocam claramente os critérios epistemológicos da ciência comparatista, assim como os da ciência linguística esboçada. Além disso, a apresentação feita por Bally e Sechehaye dos conceitos cardeais da linguística saussureana – como a teoria do arbitrário ou a teoria do valor –, sujeita a ambigüidades e até mesmo a contra-senso, participa dessa homogeneização artificial (BOUQUET, 2000, p. 14, grifo do original).

A posição dos editores e redatores de *CLG* nos é demasiado complexa e parece-nos se tratar do epicentro de uma parte considerável dos processos de dissonância da teoria saussureana. Primeiro, por derivar-se de uma atitude interpretativa em relação a um certo número de anotações fragmentadas – dos alunos do genebrino, sobretudo –, que não se articulam em um todo organizado (CALVET, 1977). Sobre o conteúdo das aulas de Saussure, incidiu-se a atitude interpretativa dos seus alunos. Em seguida, houve o ato interpretativo dos colegas do genebrino sobre o conteúdo já interpretado nas anotações dos alunos de Saussure, seguido por um processo de escrituração – um outro ponto de criação de dissonâncias – de uma obra de síntese, a partir de uma lógica e de uma racionalidade responsáveis pela homogeneização geral citada por Bouquet (2000).

Segundo, por tratar-se de um atitude axiológica de ambos, graças à qual se tornou possível, além do mais, a inserção de um conjunto de assertivas de autoria de Bally e de Sechehaye na conjuntura teórica de *CLG*, o que se deriva, segundo o nosso entendimento, do raciocínio seguido por ambos em relação ao conteúdo apresentado nas anotações dos alunos de Saussure. Hoje, conseguimos, a partir de estudos exegéticos e historiográficos da teoria saussureana, chegar a um entendimento razoável em relação ao fato de existirem muitas afirmações autorais de Bally e de Sechehaye em *CLG*, como, segundo Bagno (2021), a famigerada frase final do referido livro: “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2021, p. 319). À citada afirmação de *CLG*, encontra-se associada, a propósito, uma nota de Bagno, tradutor e comentador da edição da qual nos utilizamos, de acordo com a qual

[...] muito se tem discutido a respeito dessa última frase do Curso, que não poucos estudiosos atribuem aos editores do livro e não ao próprio Saussure. De todo modo, ela

da apresentação das suas condições de possibilidade, pelas quais se determinaria o seu pertencimento ou não a um espectro de cientificidade, segundo um certo número de critérios.

serviu de mote ao empreendimento estruturalista em sua tentativa de estudar a língua como uma ‘coisa em si’, como uma imanência, independente da dinâmica social em que se movem seus falantes. [...] essa frase, publicada em 1916, retoma quase literalmente as palavras publicadas quase um século antes por Bopp em seu livro sobre a conjugação verbal nas línguas indo-europeias, o que denota uma linha contínua de concepção acerca do que pode ser uma língua. Para Schleicher, citado nominalmente nesse trecho final, a língua também era concebida como algo fora de seus falantes, mas, na esteira de um darwinismo mal assimilado, como um organismo vivo que nasce, cresce, entra em decadência, se degrada e morre. Mudam-se os tempos, mudam-se as metáforas: de organismo vivo a língua passou a ser vista como um ‘sistema’, autorregulado e autorregulador, capaz de ser estudado somente por meio das relações opositivas (dos valores, segundo a terminologia empregada no Curso e tomada, como já dito, diretamente de Whitney) que suas partes mantêm entre si. Tentar eximir Saussure da responsabilidade pela enunciação dessas palavras não exime, contudo, o resto do livro por ter tratado a língua em si e por si mesma [...] (BAGNO, 2021, p. 319).

A nossa compreensão encontra-se em concordância com o entendimento de Bagno: se a frase final de *CLG* trata-se de uma afirmação autoral de Bally e de Sechehaye, que se vincula à tradição comparatista de Franz Bopp [1791-1867] (BAGNO, 2021), não é, de todo, um posicionamento incoerente com a construção das significações teóricas pelas quais se define e se especifica o conceito de língua no restante da vulgata de 1916. Portanto, pode tratar-se de uma assertiva autoral, mas nos parece ser decorrente ou derivada das considerações teóricas gerais de *CLG*. Além do mais, uma acepção semelhante se apresenta, em maior ou em menor grau, em parte dos manuscritos de autoria de Saussure. Entre as inúmeras passagens, destaca-se um excerto das notas de Saussure para o seu segundo curso, de 1908 a 1909, que se dispõe da seguinte maneira: “a língua, *coisa em si* sem relação com a massa humana existente, é indissolúvelmente ligada à massa humana” (SAUSSURE, 2004, p. 258, grifo nosso). A referência à língua como uma entidade em si mesma, herança dos mais tradicionais sistemas metafísicos do nosso Ocidente (BAGNO, 2021), é-nos clara, o que não nos dá margens para quaisquer equívocos em relação à posição de Saussure em determinado momento da sua trajetória intelectual – posição da qual se pode ter decorrido, aliás, a afirmação autoral de Bally e de Sechehaye.

Tendo em vista a complexidade subjacente à formação de *CLG*, cabe-nos agora uma análise comparativa de alguns pontos da teoria saussureana sobre os quais se incidiu um determinado grau de dissonância, a partir de uma aproximação entre um certo número de excertos de *CLG* e outros de *ELG*, livro no qual se encontra compilada uma parte substancial dos textos autorais do genebrino, sob a orientação elucidativa de Bouquet (2000).

3 DOIS EXEMPLOS DE DISSONÂNCIA

Dois exemplos que se ligam e se referem a dois dos mais importantes componentes do conjunto sistemático¹¹ da teoria de Saussure tornam-se incontornáveis para um maior aprofundamento da nossa compreensão da dissonância ao qual se submeteu a teoria saussureana ao transpor-se para *CLG* pelo trabalho de edição e de redação de Bally e de Sechehaye. Vamos a eles.

3.1 O CONCEITO DE SIGNO LINGUÍSTICO

O primeiro refere-se à ambiguidade e à flutuação das significações teóricas do conceito de *signo*, tanto nos textos dos alunos de Saussure, quanto nas anotações manuscritas do genebrino, questão à qual não se atentaram ambos os editores e redatores quando se prestaram à elaboração de *CLG*. De acordo com as análises interpretativas de Bouquet (2000), o problema envolve-se com a definição teórica do conceito de *arbitrariedade* – de *arbitrário*, especificamente –, em cujas proposições se manifesta a maior parte das imprecisões características do conceito de *signo*. De acordo com Bouquet (2000), nas dezesseis referências ao conceito de *arbitrário* em *CLG*, não encontramos um mínimo nível de similaridade com as passagens dos cadernos dos alunos de Saussure, o que já nos mostra, além da flutuação que envolve a definição do conceito de *signo*, a incongruência da qual se reveste o de *arbitrariedade*. Além do mais, em nove das mencionadas dezesseis passagens, manifesta-se o problema referente à flutuação da significação teórica do conceito de *signo*.

Tudo se dá graças ao próprio uso impreciso de Saussure do termo *signo* no decorrer das suas aulas e das suas anotações, dado o caráter em formação da sua reflexão à época de ministração das suas aulas. Assim, “de um lado esse termo designa a entidade lingüística global composta de uma face fonológica e de uma face semântica; de outro lado ele designa apenas a face fonológica” (BOUQUET, 2000, p. 228-229). Ainda sobre o assunto, Bouquet (2000, p. 232, grifo do original) nos diz: “com efeito, nesses 9 casos eles mantêm o termo *signo* – que remete, no contexto de seu livro, à entidade global – enquanto que, nos manuscritos, a ocorrência desse termo, anterior à introdução do par *significante/significado*, denota claramente *significante*”.

Ou seja, a depender do manuscrito – e, conseqüentemente, do período determinado da disciplina ministrada pelo genebrino –, não só o uso do termo *signo* se encontra impreciso nos textos dos alunos e de Saussure, como nos parece haver uma inconsistência na determinação mesma da significação teórica que reveste esse termo e que o caracteriza como um conceito, ora se referindo – nos primeiros cursos, sobretudo

¹¹ Entendemos toda e qualquer teoria como um conjunto sistemático no qual se articulam, delimitando-se e determinando-se complementar e reciprocamente, os seus componentes necessários, que são, basicamente, conceitos, ideias, teses, proposições, categorias, princípios, axiomas, etc. Quando nos prestamos ao entendimento da teoria saussureana, procuramos analisá-la segundo esse quadrante delimitador – e que, porém, não será muito explorado neste nosso texto –, que muito nos auxilia na compreensão da organização sistemática de toda arquitetura epistemológica e metodológica das suas concepções teóricas gerais.

– apenas à face sonora, que se denominou, em seguida, *imagem acústica*, isto é, *significante*, ora à globalidade formada pela associação entre este e o *significado*.

Curiosamente, a mesma imprecisão, quando nos tornamos cientes da sua existência, aparece-nos em um certo número de proposições no início da vulgata de 1916. Duas nos dão um vislumbre suficiente dessa problemática. A primeira proposição se encontra no terceiro capítulo de *CLG*. De acordo com ela, uma língua se define como um “[...] sistema de *signos distintos* correspondentes a *ideias distintas*” (SAUSSURE, 2021, p. 53, grifo nosso). Ora, o fato de a noção de *ideia*, no contexto geral dos manuscritos dos alunos e do genebrino, equivaler-se ao de *conceito* e, posteriormente, ao de significado (BOUQUET, 2000), evidente nos é o uso impreciso da expressão *signos distintos* na citação mencionada de *CLG*, na qual pode se referir tanto à face fonológica da unidade global, ou seja, ao *significante*, quanto à totalidade formada por *significante* e *significado*, cuja realidade semiológica é determinada pela sua associação ao conceito linguístico enquanto um recorte do amplo espectro da *substância ideal*.

Na segunda proposição, que se encontra no mesmo capítulo, afirma-se a equivalência ou a identidade entre o signo linguístico e a imagem acústica na seguinte passagem: “o ponto de partida do circuito está no cérebro de uma [pessoa], por exemplo, *A*, onde os fatos de consciência, que chamamos de conceitos, se acham associados às representações dos *signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para sua expressão*” (SAUSSURE, 2021, p. 54-55, grifo nosso). Segundo a hipótese de Bouquet (2000), ao fundamentarem-se sobre uma pequena parte final do terceiro curso, na qual se afirma e se consolida o conceito de signo enquanto uma totalidade formada por um *significante* e um *significado*, Bally e Sechehaye, então, exerceram uma *homogeneização retrospectiva* (BOUQUET, 2000).

Daí, nas citações anteriores, manifestar-se uma referência ambivalente a signo – caso da primeira – ou a sua equivalência à unidade *significante* – imagem acústica, no exemplo do segundo excerto –, uma acepção apresentada e discutida pelo genebrino, segundo Bouquet (2000), sobretudo nas aulas dos seus dois primeiros cursos. Portanto, tratava-se de um período no qual ainda não se submetera o conceito de signo à sistematização final de Saussure, a partir da qual, portanto, esse termo passou a designar a globalidade constituída pelo *significante* e pelo *significado*¹². Com efeito, a dissonância teórica estende-se para o conceito de arbitrário:

[...] sua tríade [dos editores e redatores] retrospectiva *signo, significante, significado* tem aqui como efeito imediato e perverso distorcer o pensamento saussureano, pois o

¹² Até chegar a uma maior precisão terminológica em relação à *entidade concreta* da língua – isto é, ao signo enquanto uma unidade global –, Bouquet (2000) fala-nos que as escolhas do genebrino muito oscilaram. Nas palavras do filósofo e linguista francês, “é forjado um neologismo, *sema*, para designar as duas faces da entidade global – apoiado, ele também, em neologismos que designam essas faces separadamente: *apossema* ou *soma* para o *significante*; *contrassoma*, *antissoma* ou *parassoma* para o *significado*” (BOUQUET, 2000, p. 229, grifo do original). Tratava-se de uma questão de primeira ordem da qual Saussure, de acordo com Bouquet (2000), tinha consciência. E é essa imprecisão terminológica ainda a responsável, enquanto um outro epicentro da dissonância da teoria saussureana, pelos equívocos em relação ao conceito de arbitrário.

texto de 1916 dá a impressão de que as aulas se referem, ao falar do *arbitrário do signo*, a uma propriedade global da entidade linguística, enquanto que ao contrário, em todas essas passagens, o linguista genebrino se coloca estritamente do ponto de vista do significante para afirmar que este não tem nenhuma ligação analógica com o significado que representa¹³ (BOUQUET, 2000, p. 232, grifo do original).

Essas flutuações às quais nos referimos também nos são dadas, por exemplo, em trechos demasiado ambíguos de autoria do próprio Saussure. A propósito, no tópico 6 de *Novos item* (sic), que se encontra em *Item e aforismos* em *Escritos de linguística geral* (2004), aparece-nos uma passagem ambivalente de autoria do genebrino, na qual nos parece esboçar-se uma possível fixação, porém, do seu conceito de signo enquanto uma entidade total. Em todo o referido excerto, a equivalência entre signo e significante, por um lado, quase se torna possível, o que pode se dever ao caráter aberto e em formação da reflexão saussureana à época. Mas, por outro, essa possibilidade se dissipa, quando principalmente nos atentamos à integridade da discussão proposta em relação às *realidades semiológicas* – portanto, que extrapolam o âmbito linguístico, mas que o englobam por tratar-se a linguística, segundo a sua perspectiva, de uma disciplina semiológica (SAUSSURE, 2004; 2021). Aliás, realidades essas compreendidas, à época do genebrino, como somente relacionadas à significação, e não ao signo em sua totalidade, como enunciou Saussure em sua síntese. Eis a citação em sua inteireza:

Item. Quando se diz “signo”, imaginando-se, falsamente, que ele poderá, depois, ser separado à vontade de “significação” e que designa apenas a “parte material”, nada se teria a aprender, senão considerando que o signo tem um limite material, com a sua lei absoluta, e que esse limite já é, em si mesmo, um signo, um portador de significação. É, portanto, inteiramente ilusório opor, em qualquer instante, o signo à significação. São duas formas do mesmo conceito do espírito, visto que a significação não existiria sem um signo e que ela é apenas a experiência às avessas do signo, assim como não se pode cortar uma folha de papel sem cortar o avesso e o direito desse papel com a mesma tesourada (SAUSSURE, 2004, p. 87-88).

Nessa passagem, a aceção de Saussure afirma-se categoricamente: não se pode separar o signo de um dos seus constituintes fundamentais, que é a sua significação, sob o pretexto metodológico de isolá-lo da sua materialidade – que, no espectro do pensamento do genebrino, pode ser entendida como a face significante do signo, a se referir especificamente, assim, a uma forma, e não a uma substância (BOUQUET, 2000).

¹³ Não nos adentraremos nas questões minuciosas sobre o arbitrário em Saussure. Caso o nosso leitor se interesse, a nossa recomendação é o livro de Bouquet, que nos parece tratar-se de uma das mais adequadas obras sobre a teoria saussureana.

E, contrariamente, não se poderia fazê-lo em benefício da afirmação segundo a qual o signo se refere apenas à parte material da realidade semiológica. O signo, sem a sua significação, torna-se uma abstração absoluta, uma vez que o determinante dos seus limites – inclusive, materiais – é a sua significação. Trata-se da manifestação da ideia da *dupla articulação* no nível do signo enquanto a realidade – equivalente à unidade (BOUQUET, 2000, p. 243-244) – precípua da semiologia e, conseqüentemente, da linguística.

Ainda mais, Saussure se refere, ao mesmo tempo, à importância do *fato semântico* para a reflexão linguística e semiológica, cuja dimensão se mede, nos textos saussureanos, ao apresentar-se a significação – o fato semântico – como o delimitador metodológico das unidades concretas da língua: “é a significação que cria a unidade, ela (a unidade) não existe antes: não são as unidades que estão lá para receber uma significação” (BOUQUET, 2000, p. 245). Nesse sentido, o que se assevera de mais importante, portanto, é a natureza irreduzível da relação de dependência entre a significação e o signo – e, por extensão, entre o significado e o significante no interior do signo –, que se manifesta como não só o avesso da sua parte material – material no sentido de forma, tal qual estabelecido pela reflexão do genebrino (BOUQUET, 2000) –, mas, sobretudo, como o fato pelo qual se determinam metodologicamente os limites das unidades ou das realidades linguísticas e semiológicas, isto é, os signos.

3.2 FALA E SINTAGMAÇÃO

O nosso segundo exemplo, que se desdobrará nos problemas conseqüentes que atingem a ideia de sintagmação, refere-se às variações das significações teóricas do conceito de *fala*, que se opõe, de modo sistemático e contínuo, à ideia de língua na conjuntura teórica de *CLG*. Basicamente, duas conceituações se apresentam justapostas no contexto da vulgata, sem se imbricarem em uma síntese, dada, talvez, a natureza fragmentada das notas nas quais se esboçam as suas definições, bem como o caráter aberto da reflexão saussureana à época. De acordo com Bouquet (2000), aplicam-se duas significações teóricas ao referido conceito: ora é definido enquanto um *ato de fonação*, ora como um *ato de sintagmação*.

A primeira definição, em grande medida, associa-se ao conceito de língua enquanto um sistema fonológico, uma derivação do plano teórico da epistemologia da gramática comparada de Saussure, segundo a qual se constata, então, a empiricidade do fato fonológico (BOUQUET, 2000). A segunda remete-se ao fato lógico-gramatical da sintagmação, na qual se determinam os valores – valor, particularmente, *in praesentia* –, das unidades presentes a partir das suas combinações e das suas organizações em sintagmas. Ambas se constituem, na concepção de Bouquet (2000), como sentidos derivados, portanto, de heterogêneas perspectivas metafísicas, diferentes em suas origens¹⁴.

Dois exemplificações. No terceiro capítulo de *CLG*, deparamo-nos com a associação e, também, a equivalência entre a noção de fala e a de fonação no seguinte trecho: “a fonação de uma palavra, por menor que seja, representa uma infinidade de

¹⁴ Origem sempre no sentido de fundamento.

movimentos musculares extremamente difíceis de conhecer e de figurar” (SAUSSURE, 2021, p. 58). Um pouco antes no mesmo capítulo, a fala, no entanto, apresenta-se sob a significação teórica de sintagmação, em uma oposição radical ao conceito de língua, em ligação estreita, em contrapartida, à ideia de fonação: a fala define-se como “1º as combinações pelas quais o falante utiliza o código da língua com vista a exprimir seus pensamentos; 2º o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 2021, p. 57).

O aludido problema apontado por Bouquet (2000) nos aparece mais concreto nos exemplos que evocamos. No final de tudo, trata-se de uma justaposição inarticulada de duas significações teóricas, sem que se apresente, no contexto de *CLG*, uma relação ou uma síntese entre ambas para, subsequentemente, uma definição e uma especificação, em um construto teórico mais amplo, do conceito de fala enquanto um componente sistemático da teoria saussureana.

Além do mais, decorre-se daí uma questão epistemológica e metodológica, que encontra a sua expressão na separação radical entre a língua e a fala em *CLG*: dada a sintagmação como um fenômeno da língua – e esta deve, segundo a lógica da vulgata, abdicar-se do fato contingente da fala para se delimitar como um objeto da linguística (SAUSSURE, 2021) –, como à fala pode se admitir o fato lógico-gramatical? Em *CLG*, outorga-se sobretudo à língua a lógica de funcionamento do fato sintagmático, assim como de todo sintagma enquanto forma prévia dada. Não se trata, como está em diversas passagens dos textos manuscritos apresentadas por Bouquet (2000), de um processo composicional e organizacional das unidades sintagmáticas – signos, palavras, frases, etc. – por meio da fala. Em *CLG*, ao contrário, o fato lógico-gramatical, isto é, sintagmático, apresenta-se sob uma dupla definição, ao especificar-se principalmente, em primeiro, como um repositório já dado de *formas sintagmáticas*: “[...] é preciso atribuir à língua, não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares” (SAUSSURE, 2021, p. 183).

Todavia, o sentido da relação *in praesentia*, nos manuscritos, é outro. Segundo Bouquet (2000, p. 275), “[...] o sentido lógico-gramatical, ou seja, o de uma combinação de signos, é destinado a não suportar a oposição ao conceito de ‘língua’ aplicado a um ‘tesouro de signos’”, uma vez que a sintagmação só se realiza no plano das possibilidades combinatórias, a partir das estruturas anteriores e das organizações prévias da língua, para a determinação do *fato semântico*, dado que as *entidades abstratas* – as sintáticas, do domínio sintático –, necessárias para a instauração do fato semântico, realizam-se apenas através das entidades concretas – os signos, do domínio sígnico. A sintagmação, assim, é a manifestação da interação entre o léxico e a sintaxe, no domínio de articulação entre a língua e a fala. Além do mais, Bouquet (2000, p. 276, grifo do original) adverte-nos que, “desde que se considere a *fala* como uma combinação de signos – em outras palavras, como uma sintagmação –, *podemos criticar uma separação entre língua e fala*. Não apenas podemos, mas devemos: o próprio Saussure nos convida a isso”.

Com uma série de consequências epistemológicas e metodológicas em relação à teoria saussureana, a escolha de Bally e de Sechehaye, por hipótese, tenha-se determinado se baseando precipuamente na significação teórica de língua como um *tesouro*, isto é, um depósito de entidades formais em relação ao qual caberia ao falante –

e à fala, por conseguinte – apenas uma *instanciação* – dado o caráter *coercitivo* do sistema linguístico –, o que se corrobora, por um lado, com certas anotações manuscritas dos alunos de Saussure¹⁵, mas não, por outro, com a definição da noção de *faculdade de coordenação* da qual se decorre a sintagmação. É o que nos fala Bouquet (2000, p. 276, grifo do original):

É certo que os signos de uma língua, considerada num ponto teórico do tempo, constituem uma lista fechada; mas essa lista possui, precisamente pela dita “faculdade de coordenação”, ou seja, graças às propriedades sintáticas da linguagem, o poder de autogerar uma instabilidade incessante, uma *deformação virtual* de seus conteúdos, resumindo, uma *criatividade* indissociável de sua própria natureza.

Com efeito, a língua não pode se reduzir apenas a um conjunto estruturado de unidades, pois, de acordo com Bouquet (2000, p. 277, grifo do original), baseado em uma anotação de um manuscrito autoral de Saussure para uma das suas aulas, “[...] ‘a faculdade de coordenação’ deve ser *acrescentada ao fato do signo* para se chegar à concepção da língua”. Portanto, a sintagmação nos aparece, agora, como um *processo sintático*, de natureza psíquica – o que se encontra em concordância com a concepção psíquica do signo do genebrino, aliás (BOUQUET, 2000, grifo do original) –, que se realiza na fala, sobretudo, mas sem se perder da língua.

Por conseguinte, a sintagmação trata-se do quadrante no qual se torna possível a intersecção entre a fala e a língua, dado o fato, na concepção de Bouquet (2000, p. 278), de colocar-se como *transversal tanto às unidades da língua quanto às da fala* – isto é, aos domínios sígnico e sintático. É, assim, um princípio de “[...] organização homogênea [...]” (2000, p. 278), pelo qual se estabelecem as composições e as organizações, desde as unidades menores – morfemas e palavras – até as maiores – frases. E, colocada, na epistemologia programática do genebrino, a fala como o motor das mudanças linguísticas (SAUSSURE, 2012; 2021), a sintagmação torna-se o meio através do qual se causa a mudança da língua, ou seja, é a razão do contínuo desequilíbrio sincrônico.

A posição analítica e interpretativa de Bouquet (2000) se valida, por exemplo, diante de uma nota manuscrita de Saussure. Ela nos auxilia também no entendimento das condições epistemológicas de determinação da fala, ainda nos ancorando em Bouquet (2000), não só em relação, segundo a definição de *CLG*, ao eixo das relações

¹⁵ Como citado por Bouquet (2000, p. 276, grifo do original), “um dicionário e uma gramática são uma imagem admissível da língua, esse depósito de imagens acústicas”. Mas essa concepção torna-se possível apenas no que se refere à face fonológica da língua, segundo o que é discutido por Bouquet (2000). E isso nos é evidente se nos atentarmos para os componentes organizados no referido depósito: *imagens acústicas*. Ou seja, parece-nos que a referência de Saussure se restringe apenas ao que se chama, na fonologia atual, de unidades fonológicas, isto é, aos fonemas de uma língua, limitados em sua quantidade e dispostos em sua relação no sistema linguístico. Todavia, apresenta-se uma concepção mais ampla, em outras passagens, na qual se abarca o signo linguístico em sua totalidade, quando à língua se aplica a definição de *tesouro*, própria, segundo Bouquet (2000), da tradição clássica da lexicografia.

sintagmáticas – *fala efetiva* –, mas, ao mesmo tempo, ao das *relações associativas* – *fala potencial* –, em uma afirmação sintética na qual o segundo eixo se liga, segundo o nosso entendimento, à concepção de língua como um depósito, e que nos evidencia, portanto, o quadrante de interseção entre a língua e a fala. Nas palavras de Saussure (2004, p. 58, grifo do original),

Nós denominamos *sintagma* a fala efetiva,
 – ou a combinação de elementos contidos numa seção da
 fala real,
 – ou o regime em que os elementos se encontram ligados
 entre si por sua sequência.

Por oposição à *prallélie* ou fala potencial, ou coletividade
 de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou
 regime no qual um elemento leva uma existência em meio
 a outros possíveis¹⁶.

Parece-nos se outorgar à fala, segundo essa nota manuscrita, duas formas de interação com a língua, uma efetiva e uma possível, tanto pela sintagmação quanto pela associação, em oposição ao modo como a mesma questão se configura descoordenadamente na conjuntura teórica de CLG, na qual ambos os processos se referem ora apenas à língua, ora, de maneira muito imprecisa, ao *discurso* – entendido, aqui, como fala. Trata-se de uma definição baseada nas oscilações das significações teóricas de sintagma e de associação, cuja causa se assenta na natureza diversa e fragmentada dos textos sobre os quais se basearam Bally e Sechehaye, bem como no caráter oscilante da reflexão linguística de Saussure.

Como consequência, encontram-se justapostas duas compreensões básicas – e, entre si, diversas, mas complementares – da ideia de relação sintagmática. A primeira refere-se à noção de sintagma enquanto uma forma predeterminada, de existência prévia à fala, o que se confirma pela concepção geral de Saussure sobre a língua enquanto um tesouro. A essa concepção, associa-se a negação da possibilidade de atribuição do fato sintagmático à fala. Nesse sentido, sintagma define-se enquanto *produto*, uma espécie de *modelo formal* que compõe o sistema da língua.

A segunda, no entanto, refere-se à “[...] nossa faculdade mental [...]” (SAUSSURE, 2021, p. 181), e liga-se ao exercício do discurso, isto é, da fala. Trata-se da noção primária de relação sintagmática à qual se dedicou Saussure (BOUQUET, 2000). E, segundo CLG, é uma faculdade indispensável à vida de uma língua (SAUSSURE, 2021). De acordo com a noção de sintagmação enquanto uma faculdade, “[...] no discurso, as palavras contraem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações

¹⁶ Curiosamente, a primeira definição, tanto a de fala efetiva quanto a de potencial, refere-se mais a uma espécie de *faculdade*, no sentido de *capacidade* ou de *condição* de realização, respectivamente, da sintagmação e da associação, em oposição ao seu *resultado* ou ao seu *produto*, mais evidente na segunda. Veja o nosso leitor como, concomitantemente, Saussure orienta-nos em relação à *natureza espiritual* – espiritual no sentido de *psicológico* – da sua noção de *prallélie*, que, cá, interpretamos como uma predefinição da ideia da relação associativa apresentada em CLG.

baseadas no carácter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos de uma vez” (SAUSSURE, 2021, p. 181)¹⁷.

Em suma, duas significações teóricas justapõem-se na conjuntura de *CLG*, sem qualquer vislumbre de uma síntese clara. Enquanto a primeira compreensão liga-se à concepção de produto formal, a segunda vincula-se à acepção de faculdade. Nesse sentido, uma distinção nos é de extrema importância: o termo sintagma, sem se desligar da faculdade sintagmática, refere-se mais ao que se encontra consubstanciado no sistema da língua, enquanto sintagmação remete-se à faculdade mental, ao exercício, na fala, do fato lógico-gramatical.

Como consequência, aparece-nos mais uma dissonância na teoria saussureana em *CLG*, a partir da qual nos é possível a observação do alto grau de complexidade dos problemas em torno da autoria e da formação da vulgata atribuída a Saussure. Além do mais, torna-se possível à nossa percepção como, no caso do nosso segundo exemplo, o fenómeno da dissonância estende-se por uma série de componentes, desde o conceito de fala à noção de sintagma, cujas significações teóricas, em *CLG*, encontram-se marcadas por um forte grau de ambiguidade, devido, em grande medida, à natureza da empreitada realizada por Bally e Sechehaye, ao carácter impreciso da reflexão de Saussure durante a ministração dos seus cursos – imprecisão agravada pela transposição do seu ensino oral para uma anotação escrita (primeiro, pelos seus alunos e, segundo, pelos editores e redatores de *CLG*) – e à heterogeneidade e à fragmentariedade das fontes primárias sobre as quais se baseou o trabalho de formação de vulgata de 1916.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos fica como considerações finais é um conjunto aberto de questões, cujos significados se estruturam a partir das discussões empreendidas pelas nossas análises e pelas nossas considerações. Mais de cem anos depois da sua publicação, o livro *Curso de linguística geral* ainda nos desperta questionamentos incontáveis, assim como nos lança constantemente para a zona da dúvida, o que nos é uma prova demasiado importante do seu impacto (positivo ou negativo) sobre uma imensa parte da tradição da linguística no Ocidente – bem como do conjunto maior das ciências humanas e sociais –, mesmo com os sérios problemas encontrados na sua composição.

Como nos foi dado a ver, a própria gênese da vulgata de 1916 encontra-se inserida em um entrecruzamento complexo de vetores formativos muito problemáticos, o que se torna parte constitutiva do processo de dissonância da teoria saussureana ali divulgada. Mesmo se tratando de um trabalho elogioso de tentativa de síntese de parte da reflexão de Saussure, o esforço de Bally e de Sechehaye não deixou de coordenar-se no interior de um conjunto de possibilidades. Ao se orientar por uma determinada atitude metodológica, a escolha de ambos, contudo, fundamentou-se em um critério axiológico graças ao qual se dedicaram à seleção de um certo número de anotações dos alunos do genebrino referentes, em sua maioria, aos conteúdos discutidos por Saussure no seu terceiro curso. Daí, conseqüentemente, derivou-se uma maior ênfase dada a uma

¹⁷ Nesse excerto, a ideia de sintagmação associa-se à noção de *linearidade do significante* (SAUSSURE, 2021).

das três configurações discursivas do projeto teórico saussureano, o que se reflete na lógica e na racionalidade impostas por ambos os editores e redatores aos textos manuscritos, com a finalidade de construção de uma síntese acabada, tal como nos evidenciou Bouquet (2000).

Pelos dois exemplos principais apresentados na nossa análise, conseguimos vislumbrar, em parte, o grande problema enformado pelo fenômeno da dissonância ao qual se submeteu a reflexão saussureana ao transpor-se para a edição elaborada por Bally e Sechehaye. Tanto em relação ao conceito de signo, quanto ao de fala – e, assim, à ideia de sintagmação –, há um certo grau de ambiguidade e de imprecisão na conjuntura teórica de CLG. As suas significações inserem-se em um espectro de oscilações, o que se deriva, primeiro, do caráter aberto da reflexão saussureana durante as suas aulas, bem como, segundo, da natureza fragmentada da qual se revestiu a sua teoria nas anotações dos seus alunos, sobre as quais se baseou, terceiro, a empreitada de Bally e de Sechehaye. Assim, compreendemos, de modo geral, que os problemas de CLG decorrem-se sobretudo da heterogeneidade e da fragmentariedade das suas fontes, da mesma forma como estrutura-se sobre a natureza interpretativa e a atitude metodológica dos seus editores e redatores.

Por fim, um ponto nos é incontornável: devemos referir-nos a um Saussure de CLG não como uma remissão estrita e necessária ao linguista genebrino enquanto um *sujeito pessoal e intelectual* que deu uma unidade teórica ao seu pensamento, mas, sim, como uma menção a um *sujeito epistemológico*, isto é, a uma *representação* de um sujeito cuja constituição se dá enquanto um determinado posicionamento teórico – isto é, epistemológico e metodológico –, determinado através do conjunto sistemático da sua teoria. É um sujeito que se apresenta formado, portanto, a partir das suas definições teórico-metodológicas, no plano sistemático, em relação a determinados fenômenos, como aquele a quem se remete todo o universo de significações teóricas ali formado. É, também, um lugar dissonante do *sujeito Saussure* enquanto uma articulação entre o autor pessoal e o autor teórico, que se fundamenta, como vimos, em fragmentos dos manuscritos nos quais se revela uma parte considerável – mas não total – da teoria saussureana. Consequentemente, não só a teoria de Saussure se submeteu ao fenômeno da dissonância no circuito de formação da vulgata de 1916, mas, sobretudo, o próprio sujeito epistemológico de Saussure, questão intrincada a ser discutida em futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Posfácio: excuro crítico para uma leitura incontornável. In: SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola, 2021, p. 322-378.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo/SP: Cultrix, 2000.

CALVET, L. **Saussure: pró e contra - para uma linguística social**. Trad. Maria Elizabeth Leuba Salum. São Paulo/SP: Cultrix, 1977.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

DOSSE, F. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. Vol. I. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo/SP: Editora Unesp, 2018.

JOSEPH, J. **Saussure**. Oxford University Press, 2012.

KOERNER, E. **Ferdinand de Saussure: Origin and Development of his Linguistic Thought in Western Studies of Language. A Contribution to the History and Theory of Linguistics**. Vieweg + Sohn GmbH, 1973. ISBN-13: 978-3-528-03706-2. e-ISBN-13: 978-3-322-85606-7. DOI: 10.1007/978-3-322-85606-7.

MEILLET, A. Carta de Ferdinand de Saussure a Antoine Meillet, 1894. *In*: MEILLET, A. **A evolução das formas gramaticais**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola, 2020a, p. 261-263.

MEILLET, A. Resenha de Antoine Meillet do Curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure. *In*: MEILLET, A. **A evolução das formas gramaticais**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola, 2020b, p. 257-260.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo/SP: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Escritos de linguística geral**. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo/SP: Cultrix, 2004.